

Claudia Kozak*

Literatura Eletrônica Experimental no Sul Global: uma contribuição política para as humanidades digitais críticas e criativas¹

*

Claudia Kozak é Doutora pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Membro sênior do Conselho Nacional Argentino de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (CONICET), professora do Departamento de Letras (Faculdade de Filosofia e Letras - UBA) e do Departamento de Comunicação (Faculdade de Ciências Sociais - UBA), membro do Conselho de Administração da Electronic Literature Organization (ELO). Atualmente coordena litElat, Rede de Literatura Eletrônica Latinoamericana e Ludión, Exploratório latinoamericano de poéticas/políticas tecnológicas. Entre suas obras, destacam-se: *Escritas experimentais e eletrônicas ibero-afro-latinoamericanas* (coeditado com Rui Torres, 2019); *Tecnopoéticas Argentinas*. *Archivo blando de arte y tecnología* (2012, reimpresso em 2015); *Poéticas/políticas tecnológicas na Argentina (1910-2010)* (2014); *Poéticas tecnológicas, transdisciplinares y sociedad* (2011).

<claudkozak@gmail.com>

Resumo Claudia Kozak avalia o potencial da literatura eletrônica experimental para construir caminhos críticos decoloniais para as humanidades digitais globais. Enquadrando sua perspectiva nas Epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2016) e no pensamento decolonial (MIGNOLO, 2011), ela chama a atenção para a política do conhecimento e analisa questões como hegemonias linguísticas, imaginários em literatura eletrônica, genealogias emergentes do Sul² e o mix inesperado entre experimentalismos e literatura eletrônica de terceira geração na América Latina.

Palavras-chave Literatura eletrônica experimental, Humanidades Digitais, Pensamento decolonial, América Latina.

Electronic Literature from the Souths: a Political Contribution to Critical and Creative Digital Humanities

Abstract Claudia Kozak evaluates the potential of experimental e-lit to build decolonial critical paths within global digital humanities. Framing her perspective in the *Epistemologies of the South* (Sousa Santos) and decolonial thinking (Mignolo), she draws attention to politics of knowledge and analyses issues such as linguistic hegemonies, e-lit imaginaries and genealogies emerging from the Souths and unexpected mixtures between experimentalism and third-generation e-lit in Latin America.

Keywords Experimental e-lit, Digital Humanities, Decolonial thinking, Latin America.

Literatura Eletrônica Experimental en el Sur Global: una contribución política a las humanidades digitales críticas y creativas

Resumen *Claudia Kozak evalúa el potencial de la literatura electrónica experimental para construir caminos críticos decoloniales para las humanidades digitales globales. Enmarcando su perspectiva en las Epistemologías del Sur (Sousa Santos) y en el pensamiento decolonial (Mignolo), llama la atención sobre las políticas del conocimiento y analiza cuestiones como las hegemonías lingüísticas, los imaginarios en la literatura electrónica, las genealogías emergentes del(los) Sur(es) 2 y la mezcla inesperada entre el experimentalismo y la literatura electrónica de tercera generación en América Latina.*

Palabras clave *Literatura electrónica experimental, Humanidades digitales, Pensamiento decolonial, América Latina.*

Introdução

Este ensaio tem o objetivo de avaliar o potencial da literatura eletrônica experimental em construir caminhos críticos decoloniais dentro das humanidades digitais globais. Na introdução do dossiê “*Electronic Literature [Frame]works for the Creative Digital Humanities*”, Alex Saum-Pascual e Scott Rettberg afirmam que a noção de humanidades digitais criativas com que eles trabalham anda de mãos dadas com as humanidades digitais críticas. Os autores não apenas consideram que a literatura eletrônica seja um campo criativo das humanidades digitais, mas que também “reimplanta a(s) prática(s) criativa(s) de forma crítica para abordar a crescente instrumentalização das Humanidades Digitais”. Em sintonia com essa afirmação, mas enfatizando a noção de humanidades digitais críticas e criativas à luz de uma perspectiva derivada das Epistemologias do Sul (Sousa Santos) e do pensamento decolonial, proponho conceituações entrelaçadas e possíveis linhas de análise para delinear o que gostaria de chamar de “literatura eletrônica/humanidades digitais decoloniais”. Por um lado, essa pode ser uma opção para debater as formas usuais de entender a história, teoria, crítica e prática globais da literatura eletrônica. Por outro lado, também pode contestar as humanidades digitais consideradas principalmente em termos de um conjunto de ferramentas globais para lidar com entidades culturais no campo das humanidades, o que compreende um viés que se baseia em uma abordagem acrítica da tecnologia como supostamente neutra, com pouca ou nenhuma relação com dimensões sociotécnicas mais amplas³. Apesar de a abordagem meramente instrumental das humanidades digitais (HD) já ter sido questionada por muitos autores, como Berry (2012), Fioromonte (2012) e Liu (2012), ela ainda prevalece.

Decolonizando a literatura eletrônica e as humanidades digitais

A emergência e consolidação de uma disciplina/campo de conhecimento/prática rotulada como humanidades digitais (HD) é, em teoria, algo que se aproxima das preocupações e interesses da comunidade de literatura

eletrônica. Dado que a literatura sempre fez parte das humanidades, a literatura digital poderia/deveria naturalmente fazer parte das HD. Na prática, porém, literatura eletrônica e HD não dialogam frequentemente, a despeito de se encontrarem esporadicamente aqui e ali. Embora as conferências e publicações mais recentes das HD incluam segmentos dedicados à literatura eletrônica, para muitas pessoas as duas coisas ainda parecem distantes. A razão disso se relaciona à característica instrumental das HD como as humanidades computacionais, tão próximas da ideologia da inovação, sendo esta última equiparada à ideologia do progresso tecnológico, ambas tidas como neutras, em desacordo com o traço experimental da literatura eletrônica, que em grande parte – provavelmente nem sempre – tem se constituído como uma forma crítica e não conformista de fazer parte do digital.

Em geral, as HD não contestaram a cultura digital *mainstream*/hegemônica, mas sim se adaptaram a ela. Abordei algumas dessas questões, relacionadas à ideologia da novidade versus literatura eletrônica experimental crítica em um ensaio anterior (2020), não me referindo às HD como disciplina. Aqui, gostaria de ter em mente os aspectos entrelaçados que moldam a cultura digital dominante: a aceitação acrítica de uma equivalência inequívoca entre modernização tecnológica, novidade e progresso; a noção de tecnologia baseada apenas em critérios instrumentais correlatos a uma suposta neutralidade de dados e informações; a ligação entre vida algorítmica e tecnovigilância; o enfraquecimento da memória social pela superinformação; a ocultação da materialidade digital – a fim de avaliar como discursos e práticas alternativas das humanidades digitais estão colocando em xeque a ideia de neutralidade de dados e bancos de dados na perspectiva do pensamento decolonial, incluindo o ativismo decolonial de dados (MILAN E TRERÉ, 2019), e como esses discursos alternativos combinam com a desnaturalização da cultura digital *mainstream*/hegemônica que a literatura eletrônica experimental já vem desenvolvendo há muito tempo.

De certa forma, o processo que tento avaliar é bilateral. De um lado, a crítica e a prática decolonial tentam decolonizar a própria literatura eletrônica, propondo pontos de vista diferentes das narrativas canônicas sobre história, teoria e crítica da literatura eletrônica, ao mesmo tempo em que tentam decolonizar abordagens instrumentais usuais no campo mais amplo das HD, contribuindo com uma dose necessária de crítica cultural e política. Por outro lado, o ativismo decolonial de dados, por exemplo, decoloniza a suposição de neutralidade de dados e bancos de dados do campo mais amplo de HD, além de fornecer uma estrutura sólida para implantar criticamente projetos de arquivamento e leitura distante dentro da comunidade de literatura eletrônica. O que estou dizendo não é apenas que uma perspectiva decolonial começou a emergir em ambos os campos, mas também que abordagens decoloniais específicas, desenvolvidas em cada âmbito, podem intervir mutuamente.

Mas por que ainda falar de literatura eletrônica e HD contrastivamente? Apesar das marcas de origem já comentadas, que deram forma a caminhos separados, mas até certo ponto paralelos, também podemos identificar momentos, mesmo nos estágios iniciais, em que ambas (literatura

eletrônica e HD) não estavam tão distantes. Por exemplo, o Texto Estocástico de Teo Lutz surgiu no mesmo contexto da estética da informação de Max Bense, que ao lado de uma reflexão sobre os encontros criativos entre as artes e os computadores pretendia ser um arcabouço de método matemático, a fim de medir “a quantidade e qualidade da informação em objetos estéticos (...)”. A estética da informação investigou o valor numérico do próprio ‘objeto estético’” (KLLITSCH, 2012, p. 67, tradução nossa). Ou seja, enquanto Bense promovia institucional e pessoalmente o trabalho criativo em artes e literatura digitais, simultaneamente engajou-se em uma análise estatística de obras de arte como dados, uma abordagem que, aplicada a outros campos das humanidades, tem muito em comum com os primórdios das humanidades computacionais e até mesmo com as HD de hoje. No entanto, literatura eletrônica e HD se distanciaram. O influente autor David Berry identificou em 2012 – além de uma “primeira onda de Humanidades Digitais [que] envolveu a construção de infraestrutura no estudo de textos de humanidades por meio de repositórios digitais, marcação de texto e assim por diante” (*Introduction: Understanding Digital Humanities*) –, o surgimento de uma “segunda onda” das HD que “olha para materiais ‘nascidos digitais’, como literatura eletrônica (e-lit), ficção interativa (FI), artefatos baseados na web e assim por diante” (p. 4). Ainda assim, a separação entre HD e literatura eletrônica permanece, em certa medida, devido à forma como ambos os campos se consolidaram a partir de seus suportes institucionais, por meio de associações, conferências e currículos universitários.

Suponho que o encontro para o qual este ensaio foi escrito busca ser uma contribuição para repensar uma nova linguagem que possa permitir que ambos os campos se envolvam em um diálogo, em vez de solilóquios desassociados. Meu ponto de vista é que essa nova linguagem se beneficiaria se identificada pelo nome e conceito de “literatura eletrônica/hd decoloniais” (ambos os campos grifados em letras minúsculas, contrariando os principais nomes das disciplinas cristalizadas).

No afiado artigo de Thea Pitman e Claire Taylor (2017) sobre a relação entre HD e Línguas Modernas em um contexto acadêmico anglófono, as autoras também pedem a adoção de uma linguagem comum para iniciar o tipo de conversa que proponho aqui. Para isso, adaptando o clamor (ou a provocação?) para a área das HD críticas, na forma de uma “Terceira onda de Humanidades Digitais que é tão crítica do digital quanto do cultural” (“Onde estão as LM nas HD?”), elas cunham o nome de “HDLM críticas”, em que os estudos de Humanidades Digitais e Línguas Modernas se entrelaçam. Sendo ambas hispanistas que nasceram e trabalham no Reino Unido, poderiam ter focado “no diálogo com outros profissionais de HD que trabalham em contextos de língua espanhola”, (p. 2) mas neste artigo explicitamente optaram por não fazê-lo, porque o objetivo era abrir um debate dentro do contexto acadêmico anglófono de que ambas participam. Outrossim, apesar dos esforços valiosos das instituições anglófonas de HD para incluir “iniciativas em outros idiomas e contextos” – como o periódico *Digital Humanities Quarterly* (DHQ), que publica dossiês bilingües em outros idiomas além do

inglês, como espanhol, português ou francês⁴ –, as próprias organizações admitem que muito mais deve ser feito além dessa mera inclusão que “esperançosamente evita a construção de qualquer sentido de centro/periferia ou ‘uma verdadeira área de HD’” (p. 2). De fato, como afirma Walter Mignolo,

A inclusão é uma via de mão única e não um direito recíproco. Em um mundo governado pela matriz colonial de poder, aquele que inclui e aquela que é acolhida para ser incluída estão em relações de poder codificadas. O locus de enunciação a partir do qual se estabelece a inclusão é sempre um locus que detém o controle do conhecimento e o poder de decisão entre as linhas de gênero e raça, entre as orientações políticas e as regulações econômicas (MIGNOLO, 2011, p. 15).

Epistemologias do Sul e pensamento decolonial

Literatura eletrônica/hd decoloniais, como proponho, devem fazer mais do que incluir outros idiomas além do inglês, juntamente com traduções em inglês. Deveriam implicar a decolonialidade na perspectiva dos Suis, quer eles se localizem geograficamente no Sul, quer no Norte, sendo Sul e Norte – como conceitua Sousa Santos (2016) – frequentemente literais, mas sobretudo metafóricos:

O Sul global não é um conceito geográfico, embora a maioria de suas populações habitem países do hemisfério sul. O Sul é mais uma metáfora para o sofrimento humano causado pelo capitalismo e colonialismo em nível global, bem como para a resistência em superar ou minimizar tal sofrimento. É, portanto, anticapitalista, anticolonialista, antipatriarcal e anti-imperialista. É um Sul que também existe no Norte geográfico (Europa e América do Norte), na forma de excluídos, silenciados e populações marginalizadas, como imigrantes indocumentados, desempregados, grupos étnicos ou minorias religiosas, vítimas de sexismo, homofobia, racismo e islamofobia (SOUSA SANTOS, 2016, p. 18-19, tradução nossa).

Aceitar essa nuance metafórica das noções “Sul” e “Norte” é relevante para identificar não só Suis no Norte, mas também Nortes no Sul. Este último refere-se, por exemplo, aos poucos países coloniais do Sul que alcançaram um desenvolvimento econômico semelhante ao do Norte Global, nomeadamente a Austrália e a Nova Zelândia⁵, mas também ao fato de que “dentro do Sul geográfico, sempre existiram ‘pequenas Europas’, elites locais que se beneficiaram do domínio capitalista e colonial e que continuaram exercendo controle sobre classes e grupos subordinados, desde as independências nacionais até o presente” (Sousa Santos; Meneses, 2014, p. 10-11, tradução nossa⁶). Retomo as implicações disso quando for me referir mais tarde às hegemonias político-linguísticas dentro da literatura digital latino-americana, já que só recentemente a questão começou a ser

reconhecida, podendo levar a um debate necessário para tornar visível a forma como os povos indígenas estão lidando com a virada digital em suas próprias linguagens e visões de mundo. Nesse sentido, a perspectiva de Silvia Rivera Cusicanqui é central. A epistemologia ch'ixi proposta pela autora, “um saber que articula contradições, que emaranha o tempo do que existe com as sutis ‘armas’ do paradoxal, do oculto e esquecido, do velho e do pequeno” (2015, p. 30, tradução nossa), abre uma descolonização da própria prática das artes, como uma forma “reflexiva e comunicativa baseada no desejo de recuperar uma memória e uma corporalidade próprias” (2015, p. 19, tradução nossa).

O conceito de “Epistemologias do Sul” implica então uma perspectiva descentralizada, que inclusive se apropria do sentido habitual-comum-pejorativo da noção de Sul para reinventá-lo de forma politicamente emancipada. Apenas citando uma expressão coloquial no inglês norte-americano como dizer que “*something goes South*”, implicando que algo está dando errado (ou entrando em declínio, decaindo), podemos apreender de forma muito vívida como esse ponto de vista negativo em relação ao Sul permeia a vida cotidiana das sociedades ocidentais (do Norte) e como a linguagem, longe de ser uma tecnologia neutra, reproduz relações de poder. Do ponto de vista do senso comum, as vidas “sulistas” sequer são entendidas como vidas, ou consideradas dignas de serem vividas. Na terminologia de Agamben (1998), tais existências são percebidas como “vidas nuas”. Embora o argumento muito influente de Agamben se aplique a todas as sociedades ocidentais modernas, inclusive do Norte, sua discussão sobre a biopolítica se aprofunda se a cruzarmos com as epistemologias do Sul, pois damos visibilidade ao fato de que a biopolítica também está enredada com o “epistemicídio”, “a destruição dos saberes e culturas das (...) populações, das suas memórias e laços ancestrais e da sua forma de se relacionar com os outros e com a natureza” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 18).

A proposta de Sousa Santos em relação à sociologia é engajar-se, primeiro, em uma sociologia das ausências, ou seja, uma sociologia que capte a realidade do que se tornou invisível e ausente, seguida de uma sociologia das emergências para “amplificar simbolicamente o que existe como alternativa, como uma forma diferente de entender e transformar a sociedade” (p. 22, tradução nossa). Para ele, o objetivo final da epistemologia do Sul é possibilitar traduções interculturais que abram a possibilidade de diferentes visões de mundo e conhecimentos. Na mesma linha, ao falar de uma “epistemologia fronteira” e de uma “opção decolonial”, Walter Mignolo observa, citando Anibal Quijano, que para perseguir uma opção decolonial é necessário, primeiro, uma epistemologia decolonial a ser seguida pela comunicação intercultural, uma troca de experiências e significados como fundamento para outra racionalidade (QUIJANO apud MIGNOLO, 2008, p. 253).

Da mesma forma, poderíamos nos engajar no trabalho criativo e na crítica da ausência, no trabalho criativo e na crítica das emergências e nas traduções interculturais para construir literatura eletrônica/hd decoloniais. Tratarei disso na próxima seção, em particular em relação à

literatura eletrônica, que é meu campo específico de pesquisa. Enquanto isso, um pouco mais deve ser discutido sobre o reconhecimento de hegemonias geopolíticas/econômicas/linguísticas na produção de conhecimento e outras opções mais específicas, como o ativismo decolonial de banco de dados dentro das HD.

O estudioso italiano Domenico Fioromonte, ativo no campo das HD em uma perspectiva decolonial, tem publicado há mais de uma década vários ensaios sobre a geopolítica do conhecimento em HD, um campo organizado “em um contexto econômico e tecnológico substancialmente anglófono” (*Digital Humanities and the Geopolitics of Knowledge*). Por exemplo, em *Towards a Cultural Critique of the Digital Humanities*, ele mapeou e analisou a prevalência significativa de pesquisadores anglo-americanos em periódicos, livros e organizações das HD articulando sua avaliação com

uma reflexão geral sobre o viés cultural, político e linguístico dos padrões, protocolos e interfaces digitais. Essas reflexões sugerem que as HD não são apenas uma disciplina e um discurso acadêmico dominado materialmente por uma elite anglo-americana e intelectualmente por uma visão monocultural, mas também carece de um modelo teórico para refletir criticamente sobre seus próprios instrumentos (FIOROMONTE, 2012, p. 59, tradução nossa).

No que diz respeito à política do conhecimento, Fioromonte chama a atenção para as enormes vantagens materiais e simbólicas de que se beneficiam os estudiosos das HD anglo-americanos, que geralmente passam despercebidas mesmo por aqueles que sublinham a ausência de uma abordagem crítica nas humanidades digitais (FIOROMONTE, 2018, p. 27). Não é objetivo de Fioromonte – nem meu – pedir aos acadêmicos anglo-americanos que renunciem ao seu capital cultural, mas tornar visível a situação “avaliando-a por si mesma e talvez sugerindo que um modelo diferente é possível” (FIOROMONTE, 2018, p. 61). Esperando que isso não seja visto de forma alguma como uma tentativa de me vitimizar – já comentei que também há Nortes no Sul; há também os quase-Nortes do Sul: como pesquisadora que se beneficia de vantagens materiais e simbólicas em comparação com muitos outros sulistas –, acrescentaria que tornar visível a situação vai além do óbvio. É importante reconhecer isso porque, para aqueles que não pertencem a contextos anglófonos de produção de conhecimento, ele compreende múltiplas camadas dentro do cotidiano escolar. Entre outros, podemos considerar os seguintes:

1. A necessidade de escrever e publicar em um idioma não nativo para participar da “conversação global”, ainda que ao fazê-lo percamos nuances linguísticas e culturais. Chegamos a aceitar o inglês como a língua franca do presente, mas francamente, até que ponto estamos renunciando? O pior cenário seria fazê-lo por causa dos rankings internacionais dos periódicos indexados, algo que infelizmente foi internalizado de forma colonial e

dependente na academia não anglófona ao redor do mundo. Andando de mãos dadas com isso, há a necessidade de escrever e publicar no próprio idioma para participar também da conversa local/regional, que deveríamos considerar tão importante e atraente quanto a global.

2. A necessidade de atualização em relação à bibliografia global anglófona e local/regional. Presumo que os estudiosos de Línguas Modernas também sejam atualizados em pelo menos dois idiomas, mas isso nem sempre é o caso do restante dos estudiosos anglófonos em literatura eletrônica/hd. Essa situação implica não somente em dobrar a carga de trabalho, mas também implica em uma dependência epistêmica. Nas palavras irônicas de Walter Mignolo:

Como os conhecemos: o Primeiro Mundo tem conhecimento; o Terceiro Mundo tem cultura; os povos ameríndios têm sabedoria; os anglo-americanos têm ciência. A necessidade de desvinculação política e epistêmica vem aqui à tona, assim como a descolonização de saberes e saberes decoloniais como passos necessários para imaginar e construir sociedades democráticas, justas e não imperiais/coloniais (MIGNOLO, 2011, p. 118, tradução nossa).

3. Outra questão é o acesso à bibliografia global. Embora a cultura digital tenha ampliado esse acesso de maneiras inimagináveis antes de meados dos anos 90, quando a Internet começou a atingir vastas áreas do planeta, o acesso está sempre relacionado à economia. O acesso a conteúdo acadêmico proprietário, mesmo quando publicado on-line, não é garantido em muitas universidades do Sul “global”. Descobri que quando e se as universidades pagam por serviços de acesso a bancos de dados, o acesso é bastante limitado. Em minha própria experiência de pesquisa, a frustração aparece cada vez que sou barrado de ler algum texto com uma mensagem que diz algo como “você não tem acesso a este conteúdo, verifique as opções de acesso...” e tais opções geralmente são para comprar o conteúdo – o que, por vários motivos, não é uma opção – ou fazer login com uma conta institucional. A América Latina se engajou em uma política muito ativa de periódicos de acesso aberto, mas essa não é necessariamente a forma mais usual de publicação no Norte Global. Acredito que as instituições acadêmicas devem sempre honrar seu compromisso com o conhecimento publicando em acesso aberto em todos os lugares⁷.

Como mencionado anteriormente, para analisar a geopolítica da produção de conhecimento nas HD, Fioromonte (2012, p. 59, tradução nossa) delinea “o viés político e linguístico dos padrões, protocolos e interfaces digitais” que estão no cerne das metodologias das HD. Ele considera, por exemplo, o “viés cultural e epistêmico implícito nas linguagens de marcação, bem como nas soluções propostas pela TEI⁸” (p. 66, tradução nossa). Como o autor afirma em outro ensaio,

Há um emaranhado completo entre escolhas tecnológicas (*políticas de código*), representação política (*códigos de política*) e estrutura e gestão do conhecimento (*ontologia e epistemologia do código*). Mesmo recusando uma interpretação genealógica, fica claro o vínculo entre a hegemonia linguística anglófona e os meios de representação. E esse vínculo diz respeito especialmente às Humanidades Digitais (FIOROMONTE, 2017, p. 119, tradução nossa).

Vale a pena mencionar, a esse respeito, o apelo “por uma desocidentalização dos estudos críticos de dados, com vistas a promover uma reparação à injustiça cognitiva que não reconhece formas não convencionais de apreender o mundo por meio de dados” (MILAN e TRERÉ, 2019, p. 319). Em seu ensaio introdutório para uma edição especial de uma revista que explora “*Big Data from the South*”, Stefania Milan e Emiliano Treré reconhecem o valioso trabalho feito por muitos pesquisadores nos últimos anos, contrabalançando as “narrativas hiperbólicas da ‘revolução do big data’” (p. 320), interrogando sobre o significado cultural, social e político da datificação. No entanto, eles também chamam a atenção para o fato de que “essas análises muitas vezes tomam como referência as democracias liberais do Ocidente, com seu substrato sociocultural e longa tradição de instituições representativas, estado de direito e envolvimento do cidadão nos assuntos públicos – e sua autorrepresentação como democracias ricas e avançadas” (p. 320). Os autores situam a agenda de pesquisa “*Big Data from the South*” como um programa epistemológico, ontológico e ético, a ser desdobrado por meio de cinco operações conceituais: ir além do universalismo de dados; entender o Sul como uma entidade plural (sem idealizá-lo); engajar-se em uma abordagem decolonial; trazer a agência para o centro da análise; e desencadear novos imaginários de datificação que emergem dos Suis (p. 324).

A meu ver, a última dessas operações conceituais pode precisar de mais discussão para não entender a reinvenção de novos imaginários de datificação como uma simples substituição, sem questionar a própria ideia de vida entendida principalmente como dados. De qualquer forma, os autores propõem isso para evitar uma espécie de paralisia provocada pela esmagadora datificação real que permeia a vida cotidiana em uma parte importante do planeta. Com o objetivo de evitar um frequente “senso de inelutabilidade [que] permeia as reações contemporâneas à datificação (...)”, na qual a normalização da exploração e vigilância de dados exclui nossas possibilidades de imaginar alternativas possíveis”, eles sugerem observar “uma miríade de formas não convencionais de imaginar/pensar/sentir dados [que] emergem à margem, subentendendo à criação de práticas de dados alternativas (...) uma pluralidade de maneiras desconhecidas de (re) imaginar ativamente processos de produção, processamento e apropriação de dados” (p. 328, tradução nossa).

No ensaio final desse número especial, coordenado por Milan e Treré, María Soledad Segura e Silvio Waisbord avaliam o restante das contribuições da referida edição e destacam pontos fortes e limitações de uma abordagem

ainda em andamento. Eles ainda discutem “o Sul Global como o local de práticas contra-epistêmicas e alternativas” (SEGURA e WAISBORD, 2019, p. 412, tradução nossa), impedindo generalizações. Por um lado, reconhecem que “o ativismo de dados é uma das formas mais notáveis e promissoras de cidadania digital. Assim como o *hacktivismo*, o estatativismo e a política da informação, o ativismo de dados é uma forma de ação coletiva digital” (p. 413). Por outro lado, argumentam que

Nem todas as formas de ativismo de dados são fundamentadas em uma racionalidade de(pós)colonial que desafia as formas ocidentais de conhecimento (...). O ativismo de dados na cidadania da América Latina é inspirado em marcos legais progressistas, seja em princípios políticos baseados em tradições ocidentais, seja em tradições regionais de mobilização e produção de conhecimento (...). Uma prática alternativa regional específica e uma teoria contra-epistêmica poderiam ser desenvolvidas no futuro, quando os setores indígenas, rurais e populares latino-americanos também tiverem acesso mais amplo à Internet (SEGURA e WAISBORD, 2019, p. 417-418, tradução nossa).

Enquanto a edição especial sobre ativismo de dados a que me refiro se concentra principalmente no *ativismo de dados sociais e ativismo de direitos de dados* (SEGURA e WAISBORD, 2019, p. 412, tradução nossa), a seguir me deterei no ativismo digital artístico e, em um sentido mais geral, na literatura eletrônica decolonial dos Suis. Não obstante a advertência de Segura e Waisbord – vale a pena ter em mente para não essencializar o pensamento decolonial –, teorias contra-epistêmicas e práticas decoloniais correlativas ainda são possíveis nos entre-lugares onde surgem as traduções interculturais. Com certeza, o impacto do ativismo de dados sociais e ativismo de direitos de dados pode ser avaliado de maneiras mais diretas do que as práticas artísticas. Este ensaio não é o lugar para discutir em profundidade a forma como as artes e a sociedade estão ligadas. No entanto, ainda que a relação entre elas implique diferentes mediações, as práticas artísticas contribuem para a modificação das formas cognitivas e sensoriais de compreensão da realidade.

Literatura Eletrônica Experimental como humanidades digitais criativas e críticas no Sul

a. Imaginários da literatura eletrônica e Genealogias Emergentes do Sul

O tipo de ativismo digital artístico e literatura eletrônica decolonial no Sul que estou pensando pode ser bem representado por duas obras incluídas na Coleção ELO 3. A respeito de uma delas, *The 27th/El 27* de Eugenio Tisselli, eu já escrevi algumas vezes (“*Latin American Electronic Literature: When, Where*

and Why", 2017 e "*Literatura expandida en el dominio digital*", 2017), então não vou expandir a reflexão. A obra, de fato, recebeu atenção de vários críticos. Entre outras, Ana Dot ("*Arte y traducción en la era digital: estudio de El 27 // The 27th, de Eugenio Tisselli*", 2020) e Verónica Gómez ("*Lenguas migrantes y desvíos críticos en The 27th // El 27th de Eugênio Tisselli*", 2017). Mais adiante, neste ensaio, vou me referir a outras peças de Tisselli. A outra peça da ELO Collection 3 para a qual gostaria de chamar a atenção aqui é بلق, de Ramsey Nasser.

Novamente: Sul não deve ser entendido como um termo geográfico. Nasser é cientista da computação, designer de jogos, educador estabelecido no Brooklyn, estudou Ciências da Computação em Beirute, além de Design e Tecnologia em Nova York. A declaração de Nasser na ELO Collection 3 diz: "Minha peça بلق: ب ل ق é uma linguagem de programação conceitual que explora o papel da cultura humana na programação de computadores. O código é escrito inteiramente em árabe, desafiando o cenário de programação totalmente em inglês em que nos encontramos e destacando os vieses culturais da ciência da computação".

Essa linguagem de programação conceitual como obra de arte realmente funciona, apesar dos inúmeros desafios que o autor teve de superar cada vez que as ferramentas que ele estava usando falhavam, devido à impossibilidade de reconhecer textos não latinos. Ele completou três peças: "*Hello World*", "*Fibonacci*" e "*Conway's Game of Life*", cujos títulos estão relacionados à história da Ciência da Computação e da Matemática. Além disso, o gesto conceitual tem uma dupla contrapartida estética em بلق.

Em primeiro lugar, a interface gráfica mostra o texto de programação em árabe de uma forma que não poderia ser mostrada, por exemplo, em inglês, devido à possibilidade oferecida por um idioma, como o árabe, no qual certas letras são ligadas às letras que seguem, sendo possível fortalecer a extensão desses encaixes. Isso permitiu que o artista/programador construísse um alinhamento visualmente atraente entre as linhas do código. Em segundo lugar, a programação também gera um pequeno fragmento visual animado do código, cuja forma foi remediada por Nasser para simular azulejos seguindo "a rica tradição árabe de caligrafia e poesia ligada ao texto da linguagem de programação" (ANIMAL: Caderno do Artista, 2014). Como ele explica: "Eu queria celebrar este e outros algoritmos construindo peças de caligrafia em grande escala – aplicando as tradições dos árabes aos textos tradicionais da Ciência da Computação. Considerar o código como poesia e se conformar estritamente ao estilo Square Kufic" (ANIMAL: Caderno do Artista, 2014).

بلق, que significa "coração", é a primeira palavra do título completo, "mas na verdade é um acrônimo recursivo para بلق: ب ل ق pronunciado 'alb: lughat barmajeh' que significa 'Coração: Uma Linguagem de Programação'" (ANIMAL: Caderno do Artista, 2014). Como "alb" é tanto a primeira palavra do título quanto o acrônimo, refere-se constantemente a todo o título dentro do título (alb: lughat barmajeh). No coração do título (uma linguagem de programação) que é o próprio coração em si, suas

próprias batidas respondem a uma forma específica de conceber o mundo, apenas parcialmente ocidental. Não apenas no Norte Global, mas também na América Latina, é comum identificar padrões visuais que ligam a literatura eletrônica às vanguardas ocidentais e outras tradições experimentais ocidentais na poesia visual. بلى, para variar, sugere outros imaginários e genealogias para a compreensão das múltiplas origens possíveis das quais surge a literatura eletrônica, além de narrativas mais canônicas sobre essa prática.

Como o autor reconhece, “existiram tentativas cujo objetivo honesto era trazer linguagens de programação árabes para uma cultura não latina, mas todas falharam, sem exceção. O que torna minha peça بلى diferente é que seu objetivo principal foi ilustrar o quão impossível se tornou a codificação em qualquer coisa que não fosse o inglês” (ANIMAL: Caderno do Artista, 2014). A peça coloca em primeiro plano as ausências – o que foi negado ou ainda não é possível –, pois exhibe as limitações inerentes, por si só, a toda a cultura digital, sempre que tentamos envolver traduções interculturais que superem o monoculturalismo e o monolinguismo. No entanto, também coloca em primeiro plano as emergências, pois a mera existência dessa peça contribui criativamente para abrir caminhos alternativos para o cultivo do estranhamento de viver a cultura digital corrente.

As tensões entre ausência e emergência são de fato inerentes à literatura eletrônica/hd decoloniais. É claro que qualquer tentativa de criar e experimentar algum tipo de decolonialidade na cultura digital – que inevitavelmente traz a marca de seu surgimento como um empreendimento do Norte Global – implica que tanto a visibilidade das ausências quanto a emergência de diferentes narrativas do digital são em algum momento frágeis, embora necessárias.

No que diz respeito à história global da literatura eletrônica, por exemplo, creio que poderia ser produtivo retomar a reflexão no ponto exato em que Anna Nacher a deixou em seu recente ensaio “*Gardening E-literature*”. Em seu ensaio ela afirma que

Em breve, talvez precisemos empreender uma tentativa significativa de refazer as histórias e genealogias da literatura eletrônica, especialmente aquelas pertencentes a caminhos bem trilhados da vanguarda, enquadrados em perspectivas geográficas e culturais ainda dominantes. As vanguardas semiperiféricas (mesmo que muitas vezes extremamente interessantes por suas qualidades híbridas, em que os pressupostos universalistas e universalizantes se fundem com ingredientes locais) raramente chegam às histórias oficiais da arte – e quando o fazem, muitas vezes são relegadas aos gabinetes de curiosidades exóticas (NACHER, 2020, tradução nossa).

Poderíamos iniciar uma conversa para tornar visível como a literatura experimental, no passado, deu lugar à literatura eletrônica em diferentes partes do Sul, ou em lugares semiperiféricos como os referidos por Nacher, às vezes sem necessariamente passar por qualquer Norte como primeiro passo. Como sabemos, a poesia experimental dos anos sessenta

está entrelaçada com o surgimento da literatura eletrônica. Por exemplo, sempre tive a impressão de que a poesia experimental latino-americana e a poesia experimental do Leste Europeu nos anos sessenta tinham muito em comum. Nacher comenta como a série de exposições *New Tendencies*, então iugoslava, e a revista BIT International, redescoberta pelo curador croata Darko Fritz, “contribuíram significativamente para reescrever a história da arte midiática”. De fato, há alguns anos, deparei-me com a revista BIT International – um boletim lançado pela Galeria de Arte Contemporânea de Zagreb como parte da nova orientação adotada pelas exposições *New Tendencies* em relação à estética informacional (FRITZ, 2008, p. 176-177). O primeiro número, lançado em 1968, foi editado por Max Bense e Abraham Moles sob o título de “*The Theory of Information and the New Aesthetics*”. Naquele momento eu estava fazendo uma pesquisa sobre Vilém Flusser – que nasceu em Praga, mas viveu trinta anos no Brasil. A abordagem de Flusser sobre a poesia eletrônica, por exemplo, em seu livro *A escrita: Há futuro para a escrita?* – publicado originalmente em alemão em 1989 – foi influenciada pela estética da informação, principalmente na forma como Abraham Moles a desenvolveu (uma variante da de Max Bense, que mencionei anteriormente neste ensaio). O livro é dedicado “Para Abraham Moles, inventor e pesquisador da pós-escrita” (FLUSSER, 2010, p. 5). Além disso, Nacher também menciona que “*New Tendencies 3*, em 1965, apresentou a Arte Concreta Semântica de Waldemar Cordeiro”. Como explica Fritz, o movimento *New Tendencies* “foi verdadeiramente internacional, tanto transgredindo os blocos da Guerra Fria quanto incluindo artistas sul-americanos e, mais tarde, asiáticos” (FRITZ, 2008, p. 175). Não só Flusser, mas também outras pessoas envolvidas com a cena da arte e da poesia experimentais latino-americanas, nos anos 60, conheciam a experimentação de Cordeiro na arte computacional. De fato, embora seja visto mais como artista visual do que como poeta, em 1968 Waldemar Cordeiro e o físico Giorgio Moscati fizeram a peça BEABÁ com um computador IBM/360, baseado em um gerador de palavras de seis letras (MOSCATI, 1986).

Darei mais um exemplo dos vínculos entre “vanguardas semiperiféricas” na América Latina e no Leste Europeu, como forma de reescrever a história global da literatura eletrônica. Se verificarmos o catálogo da Expo/Internacional de Novísima Poesía/69, com curadoria em Buenos Aires e logo depois – com um título ligeiramente modificado e menos obras – em La Plata (Argentina), do poeta experimental e artista visual Edgardo Antonio Vigo, constatamos que artistas do norte global – EUA, França, Alemanha, entre outros – dividiam espaço com artistas da América Latina, da então Tchecoslováquia ou do Japão. Os artistas da Tchecoslováquia que expuseram seus trabalhos foram Josef Honys, Jaroslav Malina e Jirý Valoch. A exposição também incluiu o livro *Experimentální poezie*, editado por Josef Hiršal e Bohumila Grögerová (ODEON, 1967), o catálogo Ladislav Novák: *Poesía Alquímica*, além de diferentes números das revistas experimentais *Dialog e Sesity* (Expo/Internacional de Novísima Poesía/69, p. 11-16). Segundo Katarzyna Cytlak, o catálogo exibido por Novák era provavelmente o mesmo da exposição intitulada Ladislav Novák: *Alchymáze z roku 1967*, lançada em

abril de 1968 em uma galeria de Havlíčkův Brod, cidade a 100 km de Praga (CYTLAK, 2019, p. 73).

Esses contatos transversais entre semiperiferias foram mais ou menos frequentes no meio artístico de Vigo. De fato, o ensaio de CYTLAK (2019) – que felizmente encontrei quando estava na fase final de redação deste texto – propõe como um de seus objetivos “destacar a importância dessas trocas no processo de construção de uma visão horizontal da arte moderna que escapa às narrativas ocidentais sobre a criação cultural inscrita no modelo centro/periferia” (p. 73). Além da Expo/Internacional, documenta também outras conversas entre redes artísticas marginais, nomeadamente entre Vigo e artistas do Leste Europeu. Por exemplo, as que emergem do catálogo da primeira exposição de arte postal na Argentina, com curadoria de Vigo e Horacio Zabala – o nome da exposição era Última exposición internacional de arte correo/75’, embora não fosse a última, mas a primeira; o nome foi sugerido por Vigo que, apesar de co-curador desta exposição, foi reticente em integrar a arte postal na instituição de arte. De acordo com Cytlak, os artistas do Leste Europeu que exibiram arte postal na exposição foram J. H. Kocman, Ján Steklík, Jiří Valoch (Tchecoslováquia); István Haász, Endre Tót (Hungria); Henryk Bzdok, Bogdan Kisielewski, Marek Konieczny, Andrzej Partum (Polônia); Bogdanka Poznanović e Miroljub Todorović (Iugoslávia), além do poeta chileno exilado Guillermo Deisler, que viveu na Bulgária (CYTLAK, 2019. 74-75).

Já escrevi em outras ocasiões sobre o destaque de Vigo em relação às pontes que podemos construir entre a poesia experimental dos anos sessenta e a literatura eletrônica. Uma argumentação mais completa pode ser lida em meu ensaio “¿Nueva, novísima o novedosa? De la novísima poesía según Edgardo Antonio Vigo a la poesía experimental digital” (2019). Embora nunca tenha criado literatura eletrônica, vários aspectos de sua obra tendem a isso, e ele também foi editor da revista Diagonal Cero que publicou, em seu número 20 (1966), a série de poemas da IBM de Omar Gancedo (KOZAK, 2020).

b. Nas línguas

Outro aspecto a ser considerado em relação à literatura eletrônica decolonial está relacionado às hegemonias linguísticas. Já comentei sobre بلق, de Ramsey Nasser. Voltando para a América Latina, muitas obras de literatura digital exibem diferentes tipos de consciência linguística em relação ao inglês como língua franca ou envolvem-se em políticas de tradução e multilinguismo. Já escrevi antes sobre iniciativas bastante distintas de linguagens que “abraçam o erro” como um gesto decolonial, por exemplo, em peças de Eugenio Tisselli (*Out of bounds. Searching Deviated Literature in Audiovisual Electronic Environments; Literatura expandida en el dominio digital*). Aqui, no que diz respeito às hegemonias linguísticas, defendo que é hora de chamar a atenção também para o Norte no Sul.

A maior parte da literatura digital latino-americana é escrita em

espanhol ou português, as línguas hegemônicas derivadas da colonização do século XV. Na última década, porém, vários trabalhos em línguas indígenas começaram a se tornar visíveis. O próprio Tisselli promoveu memórias comunitárias digitais trabalhando com comunidades em Sierra Mixe (Oaxaca, México), através do uso de *OjoVoz*, uma plataforma móvel/web de código aberto que ele desenvolveu. O site que documenta este projeto, nomeado em ayuujk *Ja moojk jë wyeen* (Os olhos da milpa), é trilingue – espanhol, ayuujk e inglês. É significativo o suficiente que, ao acessar o trabalho online, uma janela pop-up do tradutor do Google identifique essa língua indígena como húngara...

Ayuujk é o nome vernacular da chamada língua Mixe (em espanhol e inglês, por exemplo). Os olhos da milpa envolveu pessoas bilíngues que fazem parte dessas comunidades Mixe e falam *ayuujk* e espanhol. Também envolveu pessoas, como Tisselli, por exemplo, que não falam fluentemente a língua Mixe. A seguir, apresento outros dois projetos, que Leonardo Flores, Rodolfo Mata e eu selecionamos para a recém-lançada Antología Lit(e)Lat v.1 (<http://antologia.litelat.net/>), e são inteiramente desenvolvidos por falantes indígenas bilíngues. Ambos os projetos estão documentados no site da Red de activismo digital en lenguas indígenas, parte da organização *Global Voices*. De fato, o projeto *Los ojos de la milpa*, de Tisselli, teve um peso importante no desencadeamento do ativismo digital nos movimentos de línguas indígenas que se espalham pela América Latina desde 2014.

Um desses projetos, uma série de poemas em Zapoteco escritos por Rodrigo Pérez Ramírez, pode ser vagamente considerado como literatura eletrônica de segunda geração, já que é basicamente inspirado nas vanguardas ocidentais. Esses poemas costumam ser referidos por seu autor como *#DadaísmoZapotecano*, uma seção de um projeto maior chamado Zapoteco 3.0, uma espécie de plataforma – às vezes até um apelido – de onde Pérez Ramírez desenvolve atividades como oficinas de formação para ativistas digitais indígenas ou a implementação de *software* livre na língua zapoteco falada na área de *Miahuatlán*. Alguns dos títulos dos poemas, por exemplo, são: *Ꞟbák šé? ší?l -ší?* (em espanhol *Borrego alas de mariposa*) ou *Kè-ní ré tá dí?ztè?* (*Baila el zapoteco*).

O *#DadaísmoZapotecano*, iniciado em 2015, pretende ser uma alternativa às formas do passado, folcloristas e fixas de ver a arte indígena, misturando tradições divergentes como o dadaísmo, a antipoesia de Nicanor Parra, a poesia digital, os padrões tradicionais de versificação ocidental e o ativismo indígena relacionado às visões de mundo indígenas dentro do mundo digital contemporâneo. A aspiração de Pérez Ramírez é principalmente chegar aos falantes zapotecos, escrever literatura zapoteca em zapoteco dentro de uma cosmovisão zapoteca, algo que podemos inferir dos campos semânticos dos poemas, quando traduzidos para o espanhol. Pérez Ramírez às vezes traduz seus poemas para o espanhol em versões literais, mantendo apenas o significado das palavras para dar aos falantes de espanhol uma ideia de seu conteúdo. Por exemplo, os dois poemas que menciono aqui foram publicados on-line em língua zapoteco, juntamente com explicações e comentários bilíngues do próprio autor – um dos poemas também com

tradução em espanhol – na Tierra Adentro, revista que faz parte de um programa administrado pelo Estado mexicano.

Podemos pensar que os poemas resultantes em *#DadaísmoZapotecano* são apenas digitais, já que Pérez Ramírez substituiu o chapéu de Tzara, contendo palavras retiradas de um jornal, por uma planilha e aplicou uma função aleatória depois. Mas essa impressão de um procedimento quase digital se deve apenas à naturalização do que significa uma planilha digital, incluindo todas as suas funções matemáticas. No final das contas, o procedimento não é tão diferente de outras poesias experimentais que são feitas extraíndo frases aleatórias da Internet, pesquisando palavras ou frases específicas e depois compondo manualmente um poema. Para compor seus poemas, Pérez Ramírez criou um banco de dados de palavras zapotecas em uma planilha *Open Office Calc*, englobando campos semânticos específicos em cada caso. Em seguida, ele selecionou a função aleatória incluída e, com as palavras decorrentes, compôs manualmente os poemas adotando padrões de versificação ocidentais. Ele também adicionou código ASCII para dar uma espécie de aparência visual digital aos poemas e símbolos fonéticos, conferindo-lhes a aparência dos logogramas da antiga escrita zapoteco. Essas duas intervenções também produzem uma espécie de efeito sinestésico. De acordo com um comentário sobre sua própria obra, que acompanha um dos poemas, “*#DadaísmoZapotecano* convida o leitor a ouvir em Zapoteco pelos olhos e vê-lo pelos ouvidos” (“*ʒbák šéʔl (Borrego alas de mariposa)*”).

A mistura do dadaísmo e dos padrões tradicionais de versificação, como os sonetos, pode ser um pouco perturbadora do ponto de vista das tradições poéticas ocidentais. Entrevistado por Brenda Camacho (Glitch#4), o próprio Pérez Ramírez comenta como a empreitada de Tzara implicava uma aspiração emancipatória de fazer de cada pessoa um poeta e como, ao contrário, a versificação ocidental tradicional exige aprendizado e perícia. Por que incluir essa métrica, então? Eu realmente não tenho uma resposta conclusiva no momento. Talvez misturar tudo seja uma forma de nivelar hegemonias. Talvez não.

O segundo projeto de literatura eletrônica indígena que quero descrever brevemente, neste contexto, é claramente parte da literatura eletrônica de terceira geração: *@Quechuamemes*, de Marisol Mena Antezana. A autora nasceu em Pampallacta (Peru) e é educadora no Ensino Fundamental, com especialização em Educação Intercultural Bilíngue. O projeto consiste em memes em quíchua, às vezes com traduções em espanhol, postados no Facebook e Twitter: <https://www.facebook.com/Quechuamemes/>; *#Quechuamemes* e *#memesenquechua*, que também estão relacionadas a outras hashtags como *#activismoquechua* e *#promoviendoquechua*. Os quechuamemes de Mena Antezana são propostos como ativismo linguístico dentro da cultura digital. De fato, existem muitas iniciativas que envolvem memes em diferentes línguas indígenas, como Kaqchikel (falado na Guatemala Central), Mixtec (falado no México), Mapudungun (falado no Chile e na Argentina), etc. Provavelmente precisaríamos lê-los e acompanhar a forma como eles se espalham para explicar mais sobre como eles se conectam com cada

comunidade e se participam da descolonização da cultura predominante hegemônica, dominada ou não pelo espanhol. Até que ponto esses memes em linguagens subalternas têm chances de decolonizar a cultura digital *mainstream* é algo que eu não poderia dizer no momento.

Ondas, camadas, gerações e experimentação: uma conclusão provisória

Em um ensaio recente, que serve de “resposta” ao supramencionado trabalho de Anna Nacher, Kathi Inman Berens se pergunta o que significa decolonizar a literatura eletrônica e como isso pode ser feito, tendo em mente que “Diversidade e inclusão são cruciais. Mas eles não são a mesma coisa que decolonizar”, pois o trabalho simbólico da decolonialidade “é acompanhado por uma mudança estrutural” (INMAN BERENS, 2020). Espero que minha argumentação sobre a inclusão no início deste ensaio tenha sido suficientemente sólida. O argumento de Inman Berens está relacionado com o debate a respeito da literatura eletrônica de terceira geração e a opção decolonial discutível/possível.

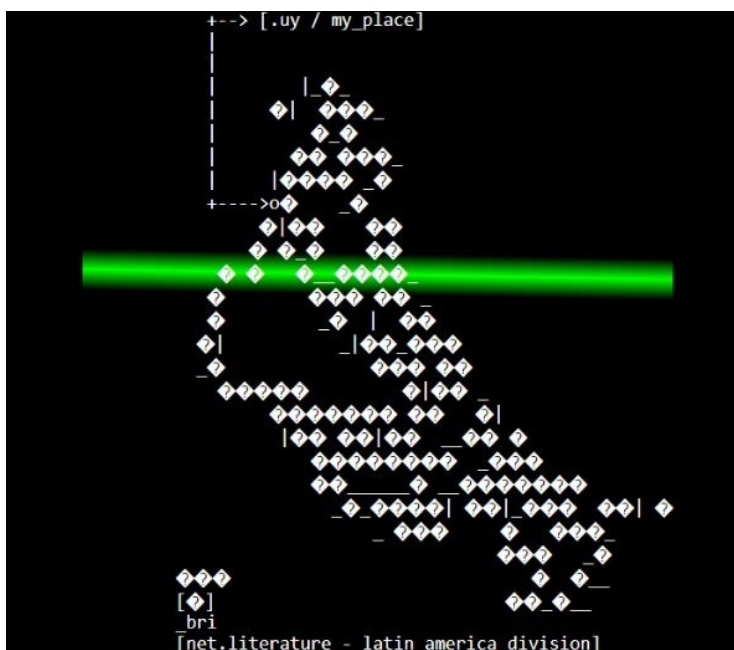
Meu ponto de vista é que apenas em um sentido vago poderíamos falar de uma opção decolonial ao considerar a literatura eletrônica de terceira geração massiva, já que grande parte dela não consegue questionar a cultura digital *mainstream* de dentro ou, pior, não se importa nem um pouco com isso. E isso deve ser central para qualquer opção decolonial em relação à cultura digital, mesmo quando faz parte do ativismo linguístico indígena que pode ser visto como inerentemente decolonial. Por isso não posso dizer mais, por enquanto, sobre os projetos de memes em línguas indígenas que descrevi anteriormente. Mas nem toda literatura eletrônica de primeira e segunda geração teve êxito nesse tipo de questionamento. Eu defendo a ideia de que o experimentalismo dá uma vantagem à literatura eletrônica de segunda geração – que ainda está encontrando novas formas poéticas – em termos de um movimento que comenta a cultura digital *mainstream* a partir de uma perspectiva de estranhamento. Ao buscar essas novas formas, a literatura eletrônica de segunda geração às vezes até se funde de maneiras inesperadas com públicos mais amplos, evitando a sensação de “jardim amuralhado” a que Nacher e Inman Berens se referem. Como exemplo de uma espécie de mix “decolonial” entre experimentalismo e literatura eletrônica de terceira geração, chamo atenção para *Broken English* (2016), uma iniciativa on-line de publicação digital de acesso livre, fundada no México por David Martinez, Pierre Herrera e Canek Zapata. Em um ensaio recente sobre literatura “pós-web”, Alex Saum-Pascual comenta brevemente como, dentro da literatura eletrônica de terceira geração, esse projeto “mantém uma hiperconsciência da mercantilização capitalista e da datificação da experiência humana na *Web*, mas se relaciona com ela com um irônico ‘dar de ombros’, enquanto oscila entre o desafio e o conformismo” (SAUM-PASCUAL, 2020, p. 3). Não tenho certeza se o “dar de ombros” consegue, em geral, ainda manter o enfrentamento como opção. De qualquer forma, gostaria de expandir isso porque vejo que, neste caso específico, o conformismo não anula o desafio.

Como eu disse, o nome desta iniciativa de publicação digital é *Broken English*. Seu bot mais antigo – *un bot mamalón*, **@brokenenglishsi** – explicou o nome em seu primeiro post no *Twitter*: “*sí, así, en inglés, una editorial en español*” (“sim, assim, em inglês, uma editora em espanhol”). O tom irônico, também um pouco festivo, ressoa no lema de *Broken English*: “*la única editorial punto lol*” (a única editora ponto lol). Podemos facilmente associar o nome ao tipo de política linguística a que me referi antes: uma iniciativa de publicação on-line em espanhol que opta por se nomear, em vez de inglês correto, como “não padrão” (*broken*).

Esse tipo de autorreflexão e distanciamento da cultura digital mainstream também inclui a edição de uma série de livros de poesia, bem como o mapa invertido latino-americano, disponível na página inicial do *Broken English*, retirado da *net.art* latino database de Brian Mackern, na qual o *net.artista* uruguaio remidiava o já conhecido desenho América invertida (1943), dialogando com a obra homônima do pintor Joaquín Torres García. Trata-se de um mapa da América do Sul de cabeça para baixo, cujo conceito se relaciona muito com a própria noção de epistemologias do Sul. Mas tudo isso está entrelaçado com a linguagem mais pura e a matéria-prima que molda a cultura digital atual, já que memes e bots têm um papel principal no *Broken English*. Em entrevista a Alizabeth Mercado, eles explicam que o *Broken English* é “um centro de cultura pós-digital, editor, site, repositório de shitposts, gerador de memes, casa da poesia e das artes textuais (...). Dedicamo-nos a fazer artefatos textuais. Ou seja, não nos sentimos comprometidos com uma definição, nem para o projeto, nem dentro dos gêneros literários/artísticos pelos quais passamos” (MERCADO, 2018, tradução nossa).

Figura 1 “Re-versão” do “mapa invertido” de Brian Mackern para `|n|e|t|a|r|t|_|l|a|t|i|n|o|`
`|d|a|t|a|b|a|s|e|` (1996)

Fonte Canek Zapata, 2019 (<http://brokenenglish.lol/>)



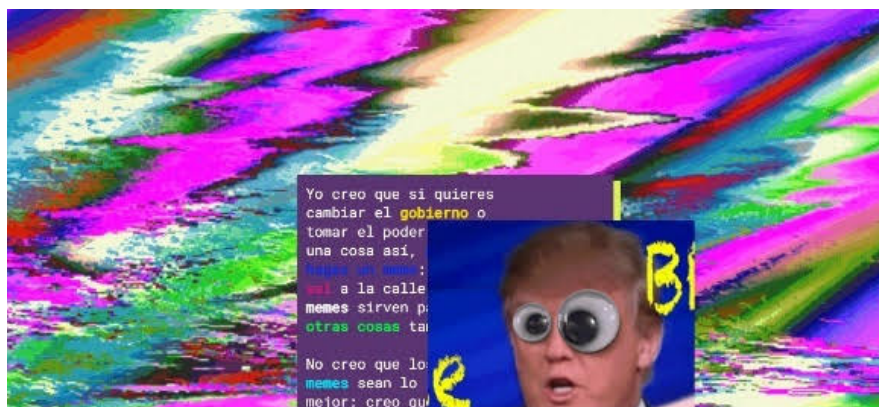
Se prestarmos atenção à interface visual do site, teremos a mesma impressão de fusão entre experimentalismo e cultura digital mainstream. Uma fusão que permite ao *Broken English* ser algo mais do que uma “mercadoria” reprodutiva e, no entanto, participar de uma nova sensibilidade geracional. A página inicial do site mostra uma espécie de interface dos anos noventa: tela preta e fonte **Courier New** na cor branca. As letras verdes e brilhantes dão a dica de que isso não é tudo, tanto pelos *hiperlinks* quanto pelo reflexo verde perturbador que atravessa a tela regularmente. Ao clicar em muitos dos *links*, uma explosão de cores, fontes, estética de quadrinhos e colagens surge.

A *Broken English* lançou recentemente uma peça digital chamada “*Apuntes para una poética del meme*”, do poeta chileno Jonnathan Opazo – que também está por trás do Cumatron (<https://cumatron.win/>), um bot/frigorífico que lança um livro de poesias em PDF, inclusive com uma capa desenhada única, cada vez que alguém acessa o site. Em seu ensaio/poema intermedial sobre a poética do meme, Opazo remixa e sabotagem textos sobre poesia e linguagem do poeta peruano Mario Montalbetti, adaptando-os para falar de memes ao invés de poesia, e construindo uma experiência em hipermídia autorreflexiva frenética, irônica e/ou abertamente engraçada, que maravilha e nos faz pensar sobre o alcance poético desse “gênero” popular. A qualidade intermedial desse colorido ensaio/poema – constantemente intervencionado por memes cuja autoria é creditada a “cz” e “ata” – anda de mãos dadas com sua adscrição ao apropriação experimental contemporâneo (GOLDSMITH, 2011), que afasta a cultura digital *mainstream* de seu viés instrumental. As referências se alimentam da cultura popular (muitos gatinhos e caricaturas) e do pensamento moderno/contemporâneo ao mesmo tempo: de Hegel e Marx ao corpo deleuziano sem órgãos, da política global aos meta-memes. No que diz respeito ao possível movimento decolonial que podemos ler não apenas no ensaio/poema de Opazo, mas em geral no *Broken English*, volto às formas mediadas pelas quais todos os artefatos simbólicos intervêm na transformação social. Em palavras e imagens deste objeto – anteriormente palavras sobre poesia de Montalbetti:

Figura 2 Excerto de “*Apuntes para una poética del meme*”. 2019.

Fonte Broken english

(<http://apuntesparaunapoetica.brokenenglish.lol/>).



Yo creo que si quieres cambiar el gobierno
O tomar el poder o una cosa así, no
hagas un meme: sal
a la calle. Los memes
sirven para otras cosas
también¹⁰

Todos os projetos de literatura eletrônica “do Sul”, comentados neste ensaio, parecem estar comprometidos em encontrar caminhos críticos decoloniais dentro das humanidades digitais globais e da cultura digital global. Se eles ancoram a potencial decolonialidade em procedimentos experimentais, em lutas linguísticas ou na mistura de “gêneros” das literaturas eletrônicas de segunda e terceira geração, todos eles estão tentando mudar o tom da conversa. E eu também.

Notas de fim

1. Tradução: Ingrid Lara de Araújo Utzig. Revisão: Rejane Cristina Rocha. Texto original ligeiramente ampliado para esta versão pela autora: Claudia Kozak. Experimental Electronic Literature from the Souths. A Political Contribution to Critical and Creative Digital Humanities. *Electronic Book Review*, January 3, 2021, <https://doi.org/10.7273/zd5g-zk30>.

2. Nota de tradução: a autora usa “suis”, no plural – *south(s)*, no original – para enfatizar que não se trata de uma região geográfica, mas sim de uma condição compartilhada por diferentes regiões que padecem com as condições desiguais impostas pelo capitalismo. Optamos por padronizar o uso do termo no singular por uma questão de eufonia.

3. Como muitos autores da filosofia da tecnologia têm demonstrado, cada vez que a tecnologia é abordada apenas em sua dimensão instrumental, surgem suposições sobre sua presumida neutralidade. Para uma discussão abrangente que mantém em seu cerne a noção de não neutralidade da tecnologia, ao mesmo tempo em que busca superar as concepções usuais instrumentais e (opostas) substantivas de tecnologia em favor de uma nova teoria crítica da tecnologia, ver Andrew Feenberg (2012).

4. Vide: <http://digitalhumanities.org:8081/dhq/vol/12/1/index.html> e <http://digitalhumanities.org:8081/dhq/vol/14/2/index.html>.

5. Uma apresentação interessante sobre esse Norte no Sul, referente às HD, especificamente, é o artigo “(Big) Data and the North in-South: Australia’s Informational Imperialism and Digital Colonialism”, de Monique Mann e Angela Daly (2019).

6. Nota de tradução: o texto original de Sousa Santos e Meneses (2014) está

em espanhol. A tradução para o inglês foi feita por Claudia Kozak e a versão em português foi realizada para esta edição. Ao longo de todo o texto as traduções estão diferenciadas da seguinte maneira: as que foram feitas por Kozak constam como “tradução da autora” e as que foram realizadas para a versão em Língua Portuguesa aparecem como “tradução nossa”.

7. O mesmo pode ser dito sobre a literatura eletrônica como tal. Não posso expandir o debate para a questão da monetização da literatura eletrônica (ou não) sem fugir do objetivo deste ensaio. Em suma, a cultura digital aumentou as chances de disseminação de artefatos simbólicos, possibilitando o mix, a livre apropriação e, em muitos casos, o acesso aberto; mas, ao mesmo tempo, artistas envolvidos em literatura eletrônica precisam obter alguma renda para ganhar a vida. Diante desse cenário, talvez devêssemos aspirar não a inserção da literatura eletrônica na indústria editorial privada existente, mas em outros tipos de iniciativas editoriais financiadas por instituições culturais.

8. Nota de tradução: a *Text Encoding Initiative* foi criada em 1987 no intuito de desenvolver, manter e divulgar métodos independentes de *hardware* e *software* para codificar dados de humanidades em formato eletrônico.

9. *Poesía (spam)*, livro de Charly Gradin, é inteiramente composto dessa maneira.

10. Em inglês: “*I believe that if you want to change the government / Or take power or / something similar, don’t / make a meme: / go to the streets. / Memes have / other purposes as well*” (tradução da autora). Em português: “Eu acredito que se você quer mudar o governo / Ou tomar o poder ou / algo assim, não / faça um meme: saia / para a rua. / os memes / servem para outras coisas / também” (tradução nossa).

Referências

@memezungun. Memes en Mapudungun. Disponível em: <https://www.facebook.com/memezungun/>. Acesso em 21 nov. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. Sovereign Power and Bare Life*. Stanford University Press, 1998.

AGUILAR SÁNCHEZ, Eduardo. _Ñuu Savi Memes. Disponível em: <https://rising.globalvoices.org/lenguas/2020/03/06/nuu-savi-memes/>. Acesso em 21 nov. 2020.

ALACÁN QUINO, Jaquelyn Alexandra. Kojtzijon pa Kaqchikel. Disponível em: <https://rising.globalvoices.org/lenguas/2020/03/11/kojtzijon-pa-kaqchikel/>. Acesso em 21 nov. 2020.

BENSE, Max and Abraham Moles (eds.). The Theory of Information and the New Aesthetics. Bit International, 1, 1968, 1-130. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bf/BitInternational1TheTheoryofInformation-sandtheNewAesthetics_1968.pdf. Acesso em 31 jan. 2019.

BERRY, David M. "Introduction: Understanding the Digital Humanities." Understanding Digital Humanities, David Berry (ed). London: Palgrave Macmillan, 2012, 1-26. Disponível em: <http://slidepdf.com/reader/full/introduction-digital-humanities-2>. Acesso em 02 nov. 2020.

CUMATRON. <https://cumatron.win/> Acesso em 28 out. 2020.

CYTLAK, Katarzyna. "Redes marginales en los años sesenta y setenta." Órbita Vigo. Trayectorias y proyecciones. Berenice Guastavino (comp.), La Plata: Papel Cosido. Registros sobre Arte en América Latina, Facultad de Bellas Artes de la Universidad Nacional de La Plata, 2019, 73-82. Disponível em: <http://papelcosido.fba.unlp.edu.ar/pdf/libros/OrbitaVigoElectronico.pdf>. Acesso em 07 nov. 2020.

DOT, Ana. "Arte y Traducción en la Era Digital: Estudio de El 27 || The 27th, de Eugenio Tisselli." Barcelona, Research, Art, Creation, 8/1 (2020): 40-60. doi: 10.17583/brac.2020.3206. Expo/Internacional de Novísima Poesía/69. Catálogo. Centro de Artes Visuales del Instituto Torcuato Di Tella, 1969.

FEENBERG, Andrew. "Introducción. La variedad de las teorías". Transformar la tecnología. Una nueva visita a la teoría crítica. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, 21-67.

FIROMONTE, Domenico. "Towards a Cultural Critique of the Digital Humanities." Historical Social Research, 37-3, 2012, 59-76. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-378525>. Acesso em 30 set. 2020.

FIROMONTE, Domenico. "¿Por qué la digitalización es un problema político?" Territorios Digitales: Construyendo Unas Ciencias Sociales Y Humanidades Digitales. Libro de resúmenes del I Congreso Internacional Territorios Digitales. Lidia Bocanegra Barbecho & Esteban Romero Frías (eds.). Medialab UGR, Universidad de Granada, 2018. Disponível em: <http://digi-bug.ugr.es/handle/10481/53479>. Acesso em 16 mai 2019.

FIROMONTE, Domenico. "Lingue, codice, rappresentanza. Margene delle Digital Humanities". Filologia digitale: problemi e prospettive. Roma: Bardi Edizioni, 2017, 114-140. Disponível em: <https://www.academia>

edu/35589134/LinguecodicirappresentanzaMarginidelleDigitalHumanities. Acesso em 28 set. 2020.

FLUSSER, Vilém. A escrita. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FRITZ, Darko. "Vladimir Bonačić: Computer-Generated Works Made within Zagreb's New Tendencies Network (1961-1973)". *Leonardo*, 41-2, 2008, 175-183. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20206560>. Acesso em 7 nov. 2020.

GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative Writing: Managing Writing in the Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011.

GÓMEZ, Verónica Paula. "Lenguas migrantes y desvíos críticos en The 27th // El 27th de Eugenio Tiselli." *Artelogie Recherche sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique latine*. 11, 2017. DOI: 10.4000/artelogie.1485.

GRADIN, Charly. (spam). Buenos Aires: Ediciones Stanton, 2011.

HIGGINS, Hannah B.; KAHN, Douglas. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2012.

HIRŠAL, Josef and Bohumila, Grögerová. *_Experimentální poezie*. Prague: Odeon, 1967. Disponível em: <https://r888888m.sunse7.com/post/627865171453427712/experiment%C3%A1ln%C3%AD-poezie-edited-by-josef-hir%C5%A1al-and>. Acesso em 7 nov. 2020.

INMAN BERENS, Kathy. "'Decolonize' E-Literature? On Weeding the E-lit Garden". *Electronic Book Review*, 5 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7273/svqq-ab68>. Acesso em 15 out. 2020.

KLLITSCH, Christoph. "Information Aesthetics and the Stuttgart School." *Mainframe Experimentalism. Early Computing and the Foundations of the Digital Arts*. Ed.

KOZAK, Claudia. "Electronic Literature Experimentalism beyond the Great Divide. A Latin American Perspective." *Electronic Book Review*, 1 mar. 2020. <https://doi.org/10.7273/rpbk-9669>. Acesso em 30 out. 2020.

KOZAK, Claudia. "Out of bounds. Searching Deviated Literature in Audiovisual Electronic Environments". Joseph Tabbi, Gabriel Tremblay-Gaudette, & Dene Grigar (eds.). *Chercher le texte: The Proceedings for the ELO 2013 Conference*. Vancouver, Washington: Nospace Publications / Washington State University Vancouver, 2018. <https://doi.org/10.7273/2WKK-BV06>. Acesso em 8 nov. 2020.

KOZAK, Claudia. "Latin American Electronic Literature: When, Where and Why." #WomenTechLit, María Mencía (ed.). Morgantown: Virginia University Press, 2017, 55-72.

KOZAK, Claudia. "Literatura expandida en el dominio digital." El taco en la brea, 6, 2017, 220-245, Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/ElTacoenlaBrea/article/view/6973>. Acesso em 27 nov. 2017.

LIU, Alan. "Where Is Cultural Criticism in the Digital Humanities?" Debates in The Digital Humanities, Mathiew K. Gold (ed.). Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012, 490-509. Disponível em: <https://dhdebates.gc.cuny.edu/projects/debates-in-the-digital-humanities>. Acesso em 30 out. 2020.

MACKERN, Brian. Net art latino database. <http://meiac.es/latino/index.html>. Acesso em 21 nov. 2020.

MACKERN, Brian; CASARES, Nilo (eds.). Net art latino database. Badajoz: MEIAC, 2008.

MANN, Monique and Angela Daly. "(Big) Data and the North in South: Australia's Informational Imperialism and Digital Colonialism". Television & New Media 2019, Vol. 20(4) 379-395. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1527476418806091>. Acesso em 16 dez. 2019.

MENA ANTEZANA, Marisol. Quechua Memes. Disponível em: <https://rising.globalvoices.org/lenguas/2020/02/15/quechua-memes/>. Acesso em 21 nov. 2020.

MERCADO, Alizabeth. "Broken English, artefactos textuales". Noticias 22 Digital. June 19, 2018. Disponível em: <https://noticias.canal22.org.mx/2018/06/19/broken-english-artefactos-textuales/>. Acesso em 8 nov. 2020.

MIGNOLO, Walter. The Darker Side of Western Modernity. Global Futures, Decolonial Options. Durham & London: University of Duke Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. "La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso." Tabula Rasa, 8 (2008): 243-281. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-8/mignolo1.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

MILAN, Stefania; TRERÉ, Emiliano. "Big Data from the South(s): Beyond Data Universalism." Television & New Media, 20-4, 2019, 19-335. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1527476419837739>. Acesso em 16 dez. 2019.

MOSCATI, Giorgio et al. “Art and Computing”. First published as “Arte e Computação: Um Depoimento.” Cadernos MAC-2, 1986, 3-17. Disponível em: www.ekac.org/moscati.html. Acesso em 8 nov. 2020.

NACHER, Anna. “Gardening E-literature (or, how to effectively plant the seeds for future investigations on electronic literature)”, Electronic Book Review, Jul. 2020. <https://doi.org/10.7273/zsyj-wm58>. Acesso em 15 out. 2020.

NASSER, Ramsey. “ANIMAL’s feature Artist’s Notebook”. Disponível em: <http://animalnewyork.com/2014/artists-notebook-ramsey-nasser/>. Acesso em 5 nov. 2020.

NASSER, Ramsey. “Author’s Statement”. ELO Collection 3, 2018. Disponível em: <https://collection.eliterature.org/3/work.html?work=%D9%82%D9%84%D8%A8>. Acesso em 4 nov. 2020.

NASSER, Ramsey. Ramsey Nasser. Disponível em: <https://nas.sr/about/>. Acesso em 4 nov. 2020.

NEPOTE, Mónica. “Broken English la editorial lol en México”. *Pez Banana*, 23, 2018, 14-15. Disponível em: [http://brokenenglish.lol/imagenes/nepote%20-%20broken%20\(pez%20banana\).pdf](http://brokenenglish.lol/imagenes/nepote%20-%20broken%20(pez%20banana).pdf). Acesso em 08 nov. 2020.

OPAZO, Jonnathan; CZ; ATA. “Apuntes para una poética del meme”. 2019. *Broken english*. Disponível em: <http://apuntesparaunapoetica.brokenenglish.lol/>. Acesso em 08 nov. 2020.

PÉREZ RAMÍREZ, Rodrigo. Interview with Brenda Camacho. *Glitch#4*. Segunda temporada. Disponível em: https://twitter.com/hashtag/GLITCH?src=hashtag_click. Acesso em 21 nov. 2020.

PÉREZ RAMÍREZ, Rodrigo. Entrevista. Disponível em: <https://rising.global-voices.org/lenguas/2019/04/15/presentamos-a-rodrigo-perez-ramirez-anfitrión-de-la-semana-15-al-21-de-abril-para-actlenguas/>. Acesso em 21 nov. 2020.

PÉREZ RAMÍREZ, Rodrigo. “ἄbák šéʔl (Borrego alas de mariposa)”. Disponível em: <https://www.tierraadentro.cultura.gob.mx/%e1%b4%9fbak-se-ca%94%ca%9f-si%ca%94l-%c9%b1-si%ca%94%ca%9f/>. Acesso em 21 nov. 2020.

PÉREZ RAMÍREZ, Rodrigo. “Kè-ní ré tá díʔztèʔ (Baila el zapoteco)”. Disponível em: <https://www.tierraadentro.cultura.gob.mx/ke-ni-re-ta-diz-ca%94-te-%ca%94-baila-el-zapoteco/>. Acesso em 21 nov. 2020.

PITMAN, Thea; TAYLOR, Claire. “Where’s the ML in DH? And Where’s the

DH in ML? The Relationship between Modern Languages and Digital Humanities, and an Argument for a Critical DHML.” *DHQ: Digital Humanities Quarterly*, 11-1, 2017, 1-13. Disponível em: <http://digitalhumanities.org:8081/dhq/vol/11/1/000287/000287.html>. Acesso em 28 out. 2020.

RED DE ACTIVISMO DIGITAL EN LENGUAS INDÍGENAS. Disponível em: <https://rising.globalvoices.org/lenguas/>. Acesso em 21 nov. 2020.

RETTBERG, Scott; SAUM, Alex. “Introduction: Electronic Literature as a Framework for the Digital Humanities”, *Electronic Book Review*, 2 ago. 2020, <https://doi.org/10.7273/vyqe-dq93>. Acesso em 13 ago. 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires. Tinta Limón, 2015.

SAUM-PASCUAL, Alex. “Is Third Generation Literature Postweb Literature? And Why Should We Care?”. *Electronic Book Review*, May 3, 2020. <https://doi.org/10.7273/60pg-1574>. Acesso em 20 nov. 2020.

SEGURA, María Soledad; WAISBORD, Silvio. “Between Data Capitalism and Data Citizenship.” *Television & New Media*, 20-4, 2019, 412-419. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1527476419834519>. Acesso em 16 dez. 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide*. New York: Routledge, 2016.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. “Epistemologies of the South and the future.” *From the European South*, 1, 2016, 17-29. Disponível em: <http://euro-peansouth.postcolonialitalia.it/>. Acesso em 5 jun. 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. “Introducción”. *Epistemologías del Sur. Perspectivas*. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (ed.). Madrid: Akal, 2014, 7-17.

TISSELLI, Eugenio. *Los ojos de la milpa*. Disponível em: <http://sautiyawaku-lima.net/oaxaca/about.php>. Acesso em 21 nov. 2020.

TISSELLI, Eugenio. *OjoVoz*. Disponível em: <http://ojovoz.net/index.html>. Acesso em 21 nov. 2020.